

1209
591

BRITO NOBREGA

SITUAÇÃO CLARISSIMA

Resposta á SITUAÇÃO CLARA do cidadão

Dr. Antonio José de Almeida

DEDICADO AOS VERDADEIROS PORTUGUEZES



Proprietario e editor - Brito Nobrega
Composto e impresso na **IMPRESA LUCAS**
93, Rua do Diário de Noticias, 93

1907



BRITO NOBREGA



SITUAÇÃO CLARISSIMA

Resposta á SITUAÇÃO CLARA do cidadão

Dr. Antonio José de Almeida



DEDICADO AOS VERDADEIROS PORTUGUEZES

-125-



BIBLIOTECA NACIONAL
REPUBLICA DO BRASIL

Proprietario e editor — Brito Nobrega
Composto e impresso na **IMPRESA LUCAS**
93, Rua do Diario de Noticias, 93

1907

RC
MNCT
32
NOB



I

Ainda ha pouco, n'esta capital, diffundia-se com profusão um folheto intitulado «Situação clara,» mas não obstante esse aneio dos actuaes agitadores em fazerem reclamo á sua causa, nós não o teriamos lido se, officiosamente, pessoa desconhecida, nos não remetteste, pelo correio, um exemplar d'aquella producção litteraria, tendo n'um pedaço de papel estas palavras: responde, se pode.

Lemos, pois, o tal folheto, — grito d'alma de quem aspira a um ideal ou tem um intuito interesseiro, — alarme sedicioso de revolta de quem ambiciona o poder.

Esperámos e esperámos de mais que uma penna habil e conscienciosa traçasse algumas linhas em resposta á aquelle escripto de propaganda politica acintosa, e desleal, mas como até hoje não apparecesse essa penna auctorisada e recta, ousamos, ainda que indoutos e obscuros, dar publicidade a algumas considerações com respeito ao precitado folheto e d'este modo defender a causa do direito e da razão.

Monarchicos por ascendencia é convicção, inimigos fogaes da revolução baseada em principios d'uma liberdade negativa de crença, de justiça e de ordem, apraz-nos defender sempre as instituições vigentes porque n'ellas vemos a melhor e a mais indubitavel garantia da paz, do progresso e da autonomia d'esta nação, que foi grande e gloriosa sob o benefico influxo dos nossos heroicos reis.

Diremos, portanto, aos verdadeiros patriotas: deixem-se de paixões politicas; conjuguem-se todas as rectas intelligencias, todas as incorruptiveis vontades, todas as valiosas energias para um só fim: engrandecer a patria e tornar relativamente feliz este bom povo portuguez.

Que felicidade traria a Portugal essa forma de governo que se denomina republica? A guerra, o sangue, a fome, a miseria, as lagrimas da viuvez e da orphandade; traria complicações internacionaes, o descredito e a ruina irremediavel d'este bello e querido Portugal.

Houve erros? Podem se corrigir. Houve faltas? Podem-se reparar, mas, srs. agitadores, illudir o povo com promessas que não podeis cumprir, com vantagens que não podeis offerecer, isso é o maior dos erros e a mais revoltante das faltas; enganar um povo, é ludibrial-o, é escarnecer d'elle.

II

Não ha cousa mais contraria ao bem da sociedade que as paixões politicas.

Essas paixões são como que umas tempestades que tudo dispersam: a união dos homens, a felicidade das familias e a prosperidade das nações.

O homem na exaltação das paixões politicas torna-se tantas vezes o mais cruel dos monstros.

Ellas cegam o entendimento, perturbam a serenidade d'espírito e tornam o homem injusto, intolerante e deshumano. Para elle a verdade é a mentira e a mentira é a verdade, o bem parece-lhe o mal e o mal o bem, a rectidão a infamia e a infamia a rectidão.

Mas os que, na sua imparcialidade, conservam o espirito tranquillo e veem por um prisma seguro e desapaixonado a verdade dos factos e o desvairamento d'esses politicos, não podem nem devem ter confiança nas suas doutrinas e menos nas suas opiniões.

Se as paixões politicas dão energia essa energia é mais propria para destruir do que para crear. Se dão fogo aos espiritos não é um fogo que suavemente aquece e vivifica, é uma chamma que queima e devora.

A natureza deu-nos uma aversão ao vermos correr o sangue dos nossos semilhautes, mas os revolucionarios rejubilam-se ao vel-o dimanar das feridas fraticidas. Para corroborar esta minha asserção não é necessario lembrar os nomes e os discursos dos revolucionarios Danton, Marat e de outros, que já desapareceram da terra, basta apenas lermos os escriptos e ouvirmos os discursos dos actuaes agitadores ou *salvadores* da patria.

O folheto que agora vamos levemente analysar é um dos que manifesta o triste gosto de quem deseja ver derramar o

sangue de seus irmãos. Caim tambem se deliciou com esse prazer, e, infelizmente, parece que haverá sempre homens sanguinarios!

III

O folheto ou carta aberta de 16 paginas é dirigida ao cidadão Manoel d'Arriaga, republicano que tem sacrificado a sua vida e o seu futuro em prol do seu partido; quanto lhe não seria mais nobre e honroso ter empregado a sua existencia em serviço da patria e da humanidade, que não tem preferencia por partidos nem divisas!

Essa carta está eloquentemente redigida, mas foi concebida na exaltação de paixões politicas, que cegam e inebriam o espirito a ponto de se não ver nos adversarios senão tudo quanto ha de mau, de mesquinho e indigno.

N'essa carta aberta transpira o sophisma e a má vontade em querer lançar o odioso sobre a pessoa do Rei e na do seu primeiro ministro: audacia falha de toda a nobreza e generosidade, porque menoscabar quem se não pode desaggravar é uma cobardia. Essa carta que não foi escripta com outro intuito senão o de continuarem no desleal proselytismo politico de ferir de morte as instituições, não é mais do que um desaire para o seu auctor, provando-se mais uma vez que os srs. agitadores republicanos são uns imprudentes incapazes de poderem constituir um governo de ordem e de utilidade para esta Nação.

Senhores, lembrem-se que a sua propaganda só pode produzir o effeito dos fogos fatuos, que nunca chegam a formar uma centelha fulgurante, porque não é uma propaganda sensata de evolução social mas uma campanha desleal de guerrilheiros ambiciosos que a todo o transe e por todos os meios querem possuir o bastão do mando, fazendo do pobre e ingenuo povo escada sangrenta para subirem por ella até ás culminancias do poder. Mas illudem-se, porque este bom povo portuguez o que deseja é que seja governada a Nação, com tino administrativo, economia e honradez. Não são as denominações e as formas do governo, que trazem a felicidade a um paiz, mas unicamente a honestidade, o talento diplomatico, a energia e a boa vontade dos que o governam.

IV

O auctor do folheto diz e affirma que o chefe d'Estado não é homem de bem? Ora isto é forte, mas é bonito, para armar ao effeito e adquirir popularidade, porque ha uma certa

camada social que muito aprecia quem, em publico, com o garbo artificioso d'um Danton, desacredita, vitupera e invectiva os adversarios, e assim a entretém gratuitamente por algum tempo. Este bom povo qualquer cousa o attrahe e o diverte, ou seja o pugilato entre dois pés frescos, ou os descantes dos ceguinhos ao som da guitarra, ou as primorosas cantatas dos salvadores da patria.

Mas este desvanecimento de honradez do eloquente agitador, faz-nos lembrar o caso da presumpção d'um camponez que estando em um ajuntamento a dizer mal de todos e de tudo, esgotada então a eloquencia maligna, voltou-se para um seu compadre e disse-lhe : homem, n'esta freguezia ha só dois homens de bem ; um é o meu compadre e o outro, meu compadre dirá quem é, e o compadre interrogado, ficou silencioso, dando apenas uma risadinha sarcastica. Assim, actualmente só ha homens honrados, de talento e merecimento na *freguezia republicana* ; fóra d'ella não se encontra honradez, amor da patria, illustração e merito algum ; é um exclusivismo *providencial*, é um *privilegio* conferido aos que foram *predestinados* para salvar a patria da miseria e os *estomagos da fraqueza*.

O auctor da carta aberta não a escreveu com o angelico intuito de salvar a patria, mas com o de fazer reclamo á sua personalidade. Para dizer ao bom e sympathico Dr. Arriaga o que tinha a dizer-lhe era desnecessario mandar imprimir 4.000 folhetos. Em poucos minutos dirigia-se o discipulo á casa do mestre e grande tribuno, que até pelo penteado se parece com Robespierre, e expunha lhe de viva voz o que queria e o que sentia.

Todo esse trabalho e *despeza* resumia-se ao simples expediente de ensurdecer o mestre e bom amigo. Por exemplo, bafejava-lhe cem vezes os ouvidos com estas palavras cheias de commovente eloquencia: «o rei não é um homem... de bem!» Eu quero que o meu mestre e amigo diga isto na Boa-hora com toda a sua *eloquencia colerica*.

Depois, continua o illustre caudilho, com a sua imaginação ardentemente inventiva, a ver ao longe castellos roqueiros guardados de paladinos, á sombra de cujos torreões se abriga o rei a conspirar contra a liberdade. Observando-se, porém, todo esse aparato imaginativo, vê se apenas o modesto paço das Necessidades sem torres nem torreões e por cima dos telhados a esvoaçar um bando de andorinhas que nada tem de bellico e pavoroso.

Agora com respeito ao Soberano conspirar contra a liberdade, isso é que é caso para temer. Então o Rei está a cons-

pirar á sombra das *Necessidades*? Oh cidadão Antonio, isso será verdade ?

Nesse caso estamos perdidos! Temos por ahí fora a força, a guilhotina, o *garrote*, a pipa cheia de pregos agudos, a pedrada, o pau, o ferro, a morte *angustiosa* e a marseilleza *victoriosa* echoando sons d'aquella *suave* harmonia de *liberdade* doida, que pela fraternidade e pela egualdade supprimia a vida, na revolução franceza, a quem lhe aprouvesse.

Oh cidadão illustre, quem é que conspira? Sois vós e os vossos sequazes ou é o rei, que indulgente de mais vos tem dado liberdades que numa republica se não consentem nem se concedem.

O dever do Monarcha é defender a sua dignidade real, é fazer manter a ordem publica, punir os criminosos que tentam infringir as leis do paiz e ultrajar a sua auctoridade de primeiro magistrado da Nação.

Conspirador revolucionario, sois vós e os vossos correligionarios, que vociferaram em pleno parlamento injurias á corôa, desacatos á lei e conspiram incessantemente.

Dizei-nos, cidadão : se estivesseis no poder, se o gracioso barrete phrygio vos cingisse a fronte e a lei vos desse a força da auctoridade, consentirieis que os monarchicos praticassem as acções insultuosas e os abusos contra a lei e a auctoridade constituida que tendes praticado impunemente? Dispensovos a resposta, illustre caudilho, por que estaes cercado num circulo de logica, donde não podeis sahir.

Os ideaes do auctor da carta aberta podem ser bellos e sublimes na sublimidade d'um genio benefico mas teem um defeito que é o de serem extemporaneos e prejudiciaes á nação que pretende salvar e tão prejudiciaes que já teem feito muito mal ao commercio e mesmo aos operarios, a quem os salvadores andam illudindo com suas promessas fagueiras e com as suas risonhas esperanças.

A mudança d'instituições se podesse effectuar-se seria a maior das calamidades para Portugal.

Muita gente julga que o nome republica é o talisman da ventura e da prosperidade, o prompto alivio para todos os males d'uma nação, mas quem assim pensa illude-se ou deixa-se embair por expressões campanudas e artificiosas, com que esses magicos politicos descrevem essa fórma de governos, toda cheia de vantagens e repleta das *graças do céu* e das *prosperidades da terra*. Uma nação póde ser feliz ou infeliz sob qualquer fórma de governo. Actualmente ha republicas que não caminham em mar de rosas, todavia vemos a maior parte das mo-

narchias da Europa em progressiva prosperidade e com grande preponderancia entre todas as nações do mundo. Ha tambem quem na sua ingenuidade julgue que a republica logo que fosse implantada, o povo não pagaria mais decimas, que teria uma liberdade sem limites e que gozaria um paraizo na terra, onde se encontrariam á porta as viandas já preparadas e a respectiva sobremeza de doces, pudins e fructas ; e ainda ha outros entre os quaes se encontram os facinoras, os biltres e os vadios, que querem pescar em aguas turvas e gozarem, ainda que por pouco tempo, os despojos da lucta sangrenta d'uma revolução ou d'uma guerra civil, que, como diz um grande escriptor, «é um monstro que se sustenta do sangue, das vidas e dos haveres e quanto mais come e consome tanto menos se farta.»

Haverá alguém que nutra em seu espirito que estes pregadores das ruas e dos terradegos veem salvar a patria por um ideal sublime, sem interesse algum proprio ?

Oh misera illusão !

Elles sabem, porque são homens illustrados, que a mudança d'instituições importaria a perda das nossas colonias, a perda de muitas garantias para uma nação autonoma como a nossa. Esses salvadores sabem que Portugal ficaria reduzido á miseria e á dependencia de outras nações que não os conhecem, nem teriam confiança na sua auctoridade momentanea e ficticia e teimam e são contumazes em se quererem apresentar como uns salvadores da Patria !

Bom e querido povo portuguez ! Isto na expressão vulgar é impingir-vos gato por lebre, é escarnecer de vós, é ferir as creanças de vossas avós, que foram heroicos defensores da patria e da monarchia, que é a instituição que nos fez grandes e até poderosos.

«Não tenho odio ao rei de Portugal,» diz o auctor da carta.

Era desnecessaria essa affirmacão, porque está comprovado que os chefes republicanos morrem de amores por S. M. — De noite, em doces sonhos, que os consolam veem El-Rei dizer-lhe adeus e n'um bello paquete sair a barra do Tejo, e elles, os ternos amigos, a acenarem-lhe todos lacrimosos ; — de dia em pensamentos de *puro affecto* procuram por todos os meios o bem estar do seu querido Rei. De maneira que não fez S. M. um movimento, não diz uma palavra, não dá um espirro que não estejam aquelles amigos logo sollicitos a animal-o, a applaudil-o e a auxilial-o nos *apertos* da vida.

«Quero a republica porque ella é a liberdade e a paz,» diz o mesmo cidadão.

Oh benefico pacifista ! Mais liberdade do que goza Portugal nem a mais modelar republica a possui ! Isto, n'estes ultimos tempos já não era liberdade, era mais do que licença, era a dissolução da liberdade, era a vergonha e o descredito da Nação, e tudo isso devido, sr. auctor da carta, aos vossos ensinamentos e aos dos vossos correligionarios mais em evidencia ; tudo devido aos vossos discursos subversivos e aos dos outros tribunos, que andavam de logar em logar, de terra em terra a fazer reclamo ás suas ideias politicas e a prometterem ao povo um novo paraizo de delicias e confortos, que nunca poderão ter,

E a paz que vós quereis, sr. pacifista, podeis conseguil-a sempre, uma vez que vós e os vossos sequazes deixem a triste profissão de cabeças de motim. E quem poderia ter a certeza de que essa caranguejola da futura republica traria uma paz proficua e douradora ?

Do que temos quasi a certeza é de que a ambição do mando dos proprios cabecilhas, que todos queriam e tinham direito ao penacho, seria o pômo constante da discordia e o escôlho insuperavel para nunca haver uma paz perfeita.

Era natural que o auctor da carta quizesse ser elevado á presidencia d'essa imaginada republica, mas teria mais direito e mais merecimentos do que os outros seus companheiros, que tanto teem trabalhado em prol da causa democratica, *isto é, em beneficio da felicidade do paiz ?* Creio que não teria a primazia. Cá nós, se tivéssemos a *ventura* de sermos republicanos teriamos o inexplicavel jubilo de darmos o nosso voto em favor do sr. Affonso Costa, porque de todos os pretendentes á presidencia, é o mais elegante e sympathico !

E são estes senhores, que deram tão perniciosos exemplos contra a ordem, e calcaram aos pés a lei, o direito e a justiça, que pretendem constituir um governo de paz e liberdade ?

Continua o talentoso sr. Almeida todo despeitado : « — O rei e o sr. João Franco, são duas personalidades sinistramente funestas ».

E' bem verdade que são funestas e bem funestas para o illustre cidadão e para o seu partido salvador, por que indo S. M. e o seu benemerito ministro pelo caminho que tem delineado, os partidos adversarios morrem sem esperança de resurgirem mais n'este mundo de miserias. Quem tem o poder e o applauso da nação, excepto dos pés frescos, é quem pode e governa. *Para diante é que é o caminho.*

VI

«O sr. D. Carlos é um espirito, tal e tal e tal», continua o escriptor Almeida. Não senhor, o sr. D. Carlos não é *um espirito com certas ideias fixas que não variam*, mas é um homem e é um Rei por uma ascendencia de quasi oito seculos.

Ora se as idéias d'El-Rei são fixas, sendo ellas como são pondonorosas e justas, é um rei com quem se pode contar na vida politica ou na vida privada, em quanto que um homem com ideias de folha do alamo é prejudicial aos que se dedicam por elle e não grangeia a confiança de ninguem.

Vós cidadão, dizeis *ideias fixas que não variam!* Ora, se as ideias são fixas como podem variar?

E perguntamos tambem ao cidadão com que direito e com que auctoridade se apresenta a qualificar El-Rei de espirito sem cultura? Pezae-vos bem, sr. Almeida, ponde a dextra na vossa consciencia. Não sejaes faccioso e injusto de mais. O nosso rei é um dos mais illustrados da Europa. Ora diga-nos: o cidadão ao lado do Rei de Portugal deslumbra-o não é verdade? E pela sua illustração confundia o? Pois não sereis vós, cidadão, quem tem o direito de qualificar o Chefe d'Estado. Já ha muito que está bem qualificado. Em Portugal e no estrangeiro, S. M. é considerado um espirito culto e muito illustrado e quem diz o contrario é por mera paixão ou finge desconhecer quão esmerada foi a sua educação.

São raras os pessoas quo fallem com correcção, todas as linguas da Europa como El-Rei, que conbecam a historia, a geographia e a oceanographia, que tenham um raro conhecimento da sciencia diplomatica, que conbecam a pintura, em que é insigne e pela qual tem recebido os melhores premios das Academias. E vós cidadão, segundo nos consta apenas fallaes o idioma francez, o que não quer dizer que não sejaes um advogado e medico muito distincto, mas pouco procurado por adversidade da sorte.

Ora o auctor da carta aberta entre outras accusações frivolas que faz do Rei, enuncia esta: «Recommendou a Mariano de Carvalho que prohibisse a venda de jornaes republicanos aos galuchos dos quarteis». Oh sr. Almeida, que grande crime! O rei fazer prohibir que os galuchos, que não sabem a cartilha, lessem os jornaes!

Esta accusação é grotesca e é de quem procurando faltas só poude encontrar disposições previdentes. Esses jornaes que teem sido a causa da desmoralização do povo, deveriam ser, já

de ha muito banidos não só dos quartéis mas das casas em que ha dignidade e pundonor.

O auctor do folheto continuando a mimosear El-Rei com muita *gentileza*, diz: «Tudo lhe é indifferentes menos o mando.»

Mas o que o cidadão quer ver como um defeito é uma qualidade inherente aos que teem o direito de mandar e muito mais aos que nasceram para imperar. O que diremos então dos que sendo simples cidadãos não descançam um momento, nem parece dormirem preocupados com a ideia fixa de empunharem o bastão do mando «*ainda que appareçam cataractas de lagrimas e corram rios de sangue,*» como disse um revolucionario *que nós não conhecemos!*

Quando se inicia na patria querida uma propaganda salutar em favôr d'ella, quando homens de muito merecimento se propoem a accredita-la, no estrangeiro, o cidadão e seus correlligionarios sentem um prazer satânico em desacredita-la, começando pelo Chefe d'Estado, que foi o primeiro portuguez que, com as suas visitas ás principaes capitães da Europa, deu o exemplo para a iniciação da «Propaganda Portugal.» E n'essas cortes S. M. apresentou-se de modo a dar honra a Portugal, e levantou assim o credito e o prestigio nacional, que agora os senhores *salvadores*, com as suas *arruaças e desmandos* teem abatido e ennodado.

Não ha nenhum periodo historico, nos annaes da Historia de Portugal, que cite um de tantas homenagens dos soberanos estrangeiros ao nosso paiz como este, em que reina o actual Soberano o Senhor D. Carlos I.

E a quem é devido este periodo tão lisongeiro para Portugal senão á illustração do Soberano, á sua diplomacia e á dos seus plenipotenciarios!

VII

Diz o illustrado caudilho da futura caranguejola denominada republica: «O sr. João Franco é o homem mais lugubre que tem apparecido na politica portugueza.»

O sr. João Franco lugubre?

Oh cidadão, abra bem os olhos!

Nós vemos no sr. João Franco o homem mais animador que tem apparecido n'esta politica, que tinha ha perto de setenta annos, a rotação da nora e sempre com os mesmos elementos a movimenta-la. E é tão animador o sr. João Franco e tão humanamente jovial que libertou, ainda ha pouco, milhares de escravos acorrentados ao servilismo de muitos annos sob o pezo

de arduo trabalho. De um pobre marçano, que ha 10 annos estava a trabalhar e nunca mais poudo abrir os pulmões a um ar mais puro do que o do recinto dos variados comestiveis que vendia, soube-se que ao ver raiar o domingo 25 do corrente mez, elevou as mãos ao Céu e exclamou: graças meu Deus que já tenho um dia de liberdade em cada semana. O infeliz tinha razão, porque, tendo vindo aos dez annos para o emprego de marçano, rarissimas vezes via seus paes e portanto estava agrihoado á sua profissão ha 10 annos, que significam 3.650 dias, desde o primeiro de janeiro a 31 de dezembro de cada anno; assim como este ha milhares de libertados e por isso se pode chamar a este benemerito governo um governo libertador da juventude pobre e trabalhadora.

O talentoso auctor da carta proseguindo no seu injusto intuito de desconsiderar o primeiro ministro d'El-Rei diz: «ha trez mezes que está em dictadura e afóra uma portaria dando aos governadores civis a cathegoria de bufos e o decreto de pequenas dividas, que naufragou ainda não fez nada que se visse.»

Não sabiamos que o sr. Almeida soffria da vista. Então o caudilho não vê nada que o satisfaça n'esta dictadura? E' preciso estar completamente obcecado physica e moralmente para desconhecer os bons serviços que o nosso energico ministro tem prestado á administração publica em tão pouco tempo.

Então o cidadão não viu no domingo ultimo todos os estabelecimentos fechados?

Esse decreto benefico que libertou muitas creaturas da escravidão d'uma vida que não tinha um só dia de repouso, d'uma vida sempre oppressa, foi um acto nobilissimo do grande ministro. E o decreto de pequenas dividas que não naufragou mas que está em vigor, tambem é cousa util e nova em Portugal; a aposentação dos operarios que está prestes e beneficiar aquella collectividade, a reforma da instrucção que será decretada em breve e que tem um alcance utilissimo para a educação da juventude, e os milhares de contos que o sr. João Franco fez entrar para o thesouro nacional, tudo isto são cousas conhecidas de todos e são obras da sua energia e do seu talento administrativc. E ha mais e mais!

Fallámos ha dias com um estrangeiro que está em Lisboa ha tempos, e expondo a sua opinião sobre a politica, disse-nos: oxalá que o conselheiro João Franco continuasse na dictadura por dez annos.

E nós diremos: por vinte e mais annos!

Gritam os descontentes, gritam os pretendentes ao poder,

gritam os que sem consciencia nem sentimentos humanitarios querem compellir o povo a uma lucta sangrenta para d'ella tirarem algum provento illicito, e gritam sempre : abaixo a dictadura !

E nós dizemos : presista a dictadura, e caminhe sempre pela estrada que tem percorrido com triumpho e gloria e conquistará o respeito e a dedicação de todo o Portugal e da Europa inteira.

Nós vemos em tudo isto a mão protectora e forte da Providencia e por isso temos fé que a nação de D. Affonso Henriques ainda hade triumphar dos seus inimigos e dos filhos ingratos que a querem atraiçoar.

O sr. Almeida depois de descer as suas apreciações até á apreciação frivola de chamar feio ao Conselheiro João Franco, porque não tem nada que dizer do grande ministro, sanão bem ameaça-o por estes termos : «Quando quizermos sahir para a praça publica dispensamos convites. Então hade o sr. João Franco estar já vivendo com muita modestia no ostracismo da sua politica.

Nem por isso teremos a incivildade de nos esquecermos de tão illustre portento e muito correctamente, para lhe evitar sobresaltos, fazemos o que s. ex.^a não tem força para nos fazer a nós chefes republicanos : *mandal-o-hemos acompanhar até á fronteira.*»

Agora perguntamos aos homens imparciaes, este periodo não é um desafio feito ao ministro, que liberalmente tem suportado tantas affrontas e que trabalha independentemente para melhorar a sua patria ?

Sim, respondemos, sim.

A illusão do sr. Almeida é tão grande que chega a imaginar, quando vê um grupo de rapazolas e de homens que não teem que fazer, após si, que a nação está com elle e que elle amanhã ou depois será elevado ao supremo logar da magistratura portugueza. Desengane-se, cidadão; a nação, com tudo quanto tem de mais nobre, de illustre e de valor está com El Rei e com o seu governo. E mesmo os descontentes e dissidentes, em que ha homens muito illustrados e dignos, não acreditam em inovações governativas, e olham para os salvadores officiosos da patria com um sorciso que significa tédio.

E que serviços teem feito á patria estes salvadores, para a patria acreditar n'elles ?

Teem feito muito mal á tranquillidade publica, ao commercio, á industria, ao trabalho do operario; teem subornado consciencias para a desordem e desorientado vontades que poderiam

ser uteis á patria e á familia. E o que lhes deram ? Uns miseráveis cobres !

Este periodo do grande tribuno republicano exprime claramente quanto valor tem o seu liberalismo e o do seu partido. Vejamos.

Logo chegado ao poder, o sr. Almeida expulsava da patria o sr. João Franco, o sr. João Franco que poderia applicar a lei da expulsão a muitos amotinadores e não o tem feito por muita benevolencia. Mas não abuse de mais cidadão, porque a indulgencia demasiada degenera em estulticia! Ve-se portanto que a republica no poder seria um governo despotico : eramos expulsos se não fossemos chacinados e todos os que tivessem a coragem de affirmar as suas convicções monarchicas perante as phalanges dos barretes phrygios, seriam deportados, perseguidos ou mettidos nas masmorras liberaes em nome da fraternidade.

Fecho este 7.º capitulo do meu folheto com estas expressões vulgares : «quem não vos conhece que vos compre».

VIII

Ultimando o seu folheto, o sr. Almeida : «diz as dictaduras, em principio, por melhor que sejam, são sempre más. Reconheço que ha circumstancias, todavia, em que ellas são inevitaveis. Mas para se imporem é preciso que sejam grandes, honradas, liberaes, luminosas. Mas estas circumstancias extremas não existem aqui. E a respeito de grandeza, esta dictadura é a obra politica mais mesquinha que eu conheço.»

Mas que grande sophismador é o sr. Almeida.

O que entende o cidadão por uma dictadura grande ?

Se o cidadão chegasse a ser um dictador o que fazia ?

Provavelmente dava liberdade aos monarchicos para fazerem arruaças, soltava os presos dos carceres, perdoava todas as insubordinações da força publica, deixava dar vivas á monarchia e distribuia premios e donativos aos criminosos.

Dictaduras honradas !

Então esta dictadura não é honrada, fazendo tantas economias e arrecadando no thesouro do estado milhares de contos ? Esta dictadura não é honrada porque tem cortado, em grandes e pequenos, emolumentos accumulados e gratificações inconvenientes e improprias.

Esta dictadura tambem não é liberal e porque ?

Provavelmente não é liberal, porque prohibiu os commicios em que se incitava o povo á revolta, não é liberal porque

metteu na ordem os arruaceiros, não é liberal porque tem sustido os desmandos de linguagem dos jornaes subversivos, não é enfim não liberal porque fechou o parlamento, onde se não attendia a cousas uteis ao Estado para unicamente se fazer uma politica detestavel d'oposição ao Governo, onde apenas se via quebrar carteiras e se ouviam as invectivas e os insultos improprios de uma casa parlamentar, que deve ser digna e respeitavel.

O cidadão queria que esta dictadura fosse luminosa? E porque não é luminosa? A dictadura é mais do que luminosa, é providente e benefica. Com as luzes do seu espirito esclarecido descobriu muitos esconderijos, onde se occultavam muitas sanguesugas do thesouro publico. A dictadura é tambem luminosa porque tem fomentado a instrucção e estabelecido uma proficua disciplina entre o militarismo, de maneira que o nosso exercito em pouco tempo caminhará a par dos modelares exercitos da Europa e isto devido ás sabias providencias do sr. ministro da guerra. E' luminosa a dictadura porque está fazendo uma magnifica reforma d'instrucção, e caminha sempre alumada pela luz da razão, da justiça e do amor da patria.

Mas o meu caro cidadão, que julgavamos ser um homem consciencioso, cego pela paixão politica, vê nos adversarios tudo mau, tudo esqueroso. Não seja injusto, não se deixe fanatizar pelos seus ideaes! E' minha opinião que a melhor forma do governo é a monarchia constitucional e que Portugal pode ainda ser um paiz prospero e feliz sob o actual regimen.

Não nos traga para cá essa ideia que a republica é um mar de rosas, que é a salvação das nações, que é o infalivel remedio para todos os males dos povos, porque então a republica ficará sendo classificada como uma especie de pilulas *Pinck* ou como o lambedor de mamã *Seigel*.

Finalizando o seu folheto, o cidadão lembra-se de repente do sr. Malaquias de Lemos e diz: seria triste que o resgate d'este povo generoso fosse entravado pelos galões largos do sr. Malaquias de Lemos!

Sim senhores, nada de entrar os trabalhos do sr. Almeida, porque elle está a descobrir uma nova ilha de Monte-Christo, d'onde hade extrahir ouro e diamantes para pagar em 15 dias a divida publica e abarrotar este bom povo d'abundancia, dinheiro e felicidade.

Alguns ignorantes ou fingidos ignorantes apresentam a constituição republicana como uma novidade d'arte nova, mas é uma forma de governo velhissima. Em Roma, 509 annos antes de Christo, foi estabelecida a republica, sendo os seus pri-

meiros magistrados, Lucio Junio Bruto e Collatino, marido de Lucrecia e depois seguiu-se o imperio que durou cinco seculos. Portanto, o governo republicano já existia ha perto de 2416 annos.

Não são as formas do governo que fazem a felicidade dos povos mas a rectidão, o talento, a habilidade dos que os governam, como já dissémos.

O que nós vemos agora com praser é que temos á frente da Nação um governo illustrado, energico, economico e que procura encaminhar o paiz por uma estrada livre de abrolhos e precipicios, cortando com mão firme as sêbes e os espenheiras que lhe obstruam o seu camiuhar.

Tambem o corpo diplomatico no estrangeiro é composto de cavalheiros que teem conseguido para Portugal as geræes sympathias das nações onde residem e estreitado cordealmente as relações d'esses paizes com o nosso, o que é um relevante serviço prestado á patria.

E entre todos esses diplomatas lembra-nos agora os srs. Marquez de Soveral, Sá Lampreia e conde de Souza Rosa.

Todos elles teem honrado a sua patria como verdadeiros patriotas e dignos diplomatas.

Vou concluir dizendo ao sr. Almeida e aos seus correligionarios: já que não podeis ou não quereis fazer bem á vossa patria não lhe façaes mal com esse zelo e enthusiasmo revolucionario. Socegae o vosso espirito, dae repouso aos vossos ideaes, que a republica sempre hade vir e hade vir para as calendas gregas.

Mas não sereis vós nem os vossos companheiros d'armas, quem empunhará e bastão do mando presidencial, mas o encoberto, o corajoso rei D. Sebastião que virá montado todo garboso no seu ginête branco em uma manhã de nevoeiro.

Não temos duvida em acreditar que existem republicanos convictos e que desejam desinteressadamente o bem da sua patria; acreditamos mesmo na sua honradez, na sua vontade de fazer o bem, mas não são todos, não serão, mesmo muitos.

O que nós condemnamos são os que fazem uma propaganda desleal e illusoria, e a esses direi:

Qual é a vossa missão senão a de illudir o desgraçado povo para conseguirdes os vossos fins, os vossos interesses e realizardes as vossas aspirações ao poder pela anarchia. Vós, pregadores da liberdade fementida, compellis o povo para a esparrella que lhes armaes com os vossos artificiosos conselhos, mas ficæes sempre de fóra a rir do logro em que elle cahe.

Quantos de vós cahistes nas mãos da justiça ou levastes pranchádas por occasião das arruaças que promovestes?

E' cruel enganar um povo, fazendo-o sonhar com phantasticos paraísos que nunca poderão apparecer.

Ha doutrinas que só produzem a confusão, a desordem e o odio social.

Cidadão, nós mais tinhamos que dizer mas não convem tornar prolixo um folheto que tem por fim esclarecer o povo e aconselhal-o para o bem e para a ordem.

E ainda ousou dizer que quem nutre na alma o amor da patria sacrifica-lhe todos os ideaes que não são proficuos, todas as opiniões que possam difficultar a marcha da sua vida social.

O sr. Almeida com o seu talento, com a sua boa vontade e com a sua energia podia ser util á mãe patria mas collocou-se em uma situação em que só lhe pode ser adverso e prejudicial, o que é improprio d'um bom filho e de um benemerito cidadão.

Uma ratificação e uma prova das minhas convicções monarchicas

Não se julgue que um motivo fortuito ou um suggestivo intento me impulsionou só agora a ser apologista da monarchia, já o foram os meus ascendentes, luctaram e soffreram pelas suas convicções politicas. Não devo cousa alguma aos governos nem recebi d'elles o menor farrapinho das honrarias que muito lisongeiam os homens. Tanto hontem como hoje sou sempre o mesmo nas minhas crenças e nas minhas convicções. Não tenho preconceitos nem temores em manifestar os meus sentimentos; o meu lemma é o mesmo que foi o de meus avós: Deus, patria e rei. Nasci crente e monarchico, crente e monarchico morrerei.

Não vou a traz da corrente vertiginosa dos homens desvairados que julgam caminhar triumphantemente para o ápice da liberdade, do progresso e da felicidade, porque sei que neste mundo tudo é relativo e não pode haver felicidade completa.

Na patria assim como em longinquas plagas, onde estive, fui sempre apologista da minha divisa, do meu lemma; se eu transigisse com o meu sentir e com meus principios teria então sido o representante da Patria n'aquellas paragens; fiquei porém no que era e no que sou, porque quasi sempre os homens d'um só aspecto, e que só desejam trilhar o caminho do dever,

da rectidão e do, bem não são auxiliados, antes mal vistos e lançados ao ostracismo.

Em 1889 achava-me então na Guiana Britânica, quando falleceu em Lisboa o senhor D. Luiz I, saudoso Rei que conheci na minha idade juvenil e por quem tive sempre o mais respeitoso affecto e a mais sincera dedicação.

Ao receber aquella triste noticia, cheio de pungente commoção, reuni alguns dos principaes membros d'aquella colonia e em nome de todos redigi uma mensagem de pezames que enviei a S. M. El Rei Senhor D. Carlos I e que foi entregue pelo fallecido conselheiro sr. J. B. Ferreira d'Almeida. Esta mensagem está inserta no «Diario do Governo», numero 271 de 29 de novembro de 1889.

Eisahi uma prova das minhas convicções monarchicas.

Segue-se a mensagem :

— Senhor — O derradeiro suspiro exhalado pelo magnanimo Rei o Senhor D. Luiz 1.^o, junto ao peito extremosa d'aquella que reúne em sua fronte o duplo diadema de Rainha e de anjo tutelar dos infelizes, produziu um echo lugubre de grito afflictivo no coração dos portuguezes, até estas longinquas plagas.

A noticia do pessamento do preclarissimo pae de Vossa Magestade deixou-nos o animo submerso em profunda consternação.

Desappareceu, pois, da terra mais um digno membro da illustre e heroica casa de Bragança. Ao sôpro esterilizador da morte, fenecceu mais um virente ramo da frondosa arvora genealogica dos nossos queridos Reis: arvora a cuja vivificante sombra, durante quasi oito seculos, se abriga o povo mais exemplar no respeito aos seus soberanos.

Com Vossa Magestade está de luto a nação inteira; porque choramos a perda do monarcha, que era o amigo da paz, o protector das artes e das sciencias, o sabio modesto, generoso e affavel, e um dos principes mais sympathicos que hão cingido a corôa real.

Quem tem nas veias o sangue portuguez, quem sente n'alma os estos da sua patria, não pode ficar insensivel ao ver baixar ao sepulchro um Rei tão amado, como foi o Senhor D. Luiz 1.^o

Felizmente ainda Vossa Magestade encontra para dôr tão pungente, dois verdadeiros lenitivos: o balsamo salutar da religião e as lagrimas affectuosas d'um povo leal, que verdadeiramente ama a Vossa Magestade.

Dignae-vos, Senhor, aceitar benignamente os pezames

tão d'alma, as lagrimas tão sinceras e a dedicação tão espontanea d'esta pequena e humilde porção dos vossos subditos, que, não obstante a distancia que separa a Europa do Novo-Mundo, não olvidam a patria nem o seu Rei, e não querem deixar passar o triste successo do fallecimento de tão excelso monarcha, sem patentear-vos o seu grande pezar.

Prestando a Vossa Magestade as devidas homenagens de lealdade e respeito pela vossa exaltação ao solio preclaro dos grandes immortaes Reis de Portugal, seremos sempre, com justo orgulho e intimo prazer, vossos subditos fieis e dedicados.

Deus guarde a preciosa vida de Vossa Magestade por muitos annos, para felicidade dos portuguezes.

Guiana Britanica, 24 de agosto de 1889. — *Eduardo de Maciel Brito Nobrega.*

Seguem as assignaturas.

Assim ultimamos esta humilde apreciação, fazendo votos pela paz e prosperidade da Patria.

Lisboa — 1907.

Eduardo de M. Brito Nobrega



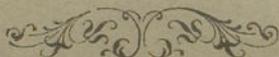


RÓ
MU
LO

CENTRO CIENCIA VVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329754775



Publicar-se-ha brevemente um opusculo intitulado :

PROESAS DOS SALVADORES DA PATRIA

Obras já publicadas d'este auctor :

**MEMORIA CONSAGRADA A EL-REI D. LUIZ I
O QUE SÃO OS PORTUGUEZES E O QUE VALEM
DESCOBRIMENTO DA INDIA, NARRAÇÃO D'UM MARINHEIRO
A LIBERDADE OU ESCANDALOS DOS NOSSOS DIAS**

Deposito d'este folheto — Rua D. Estephania 180, 2.º D.

